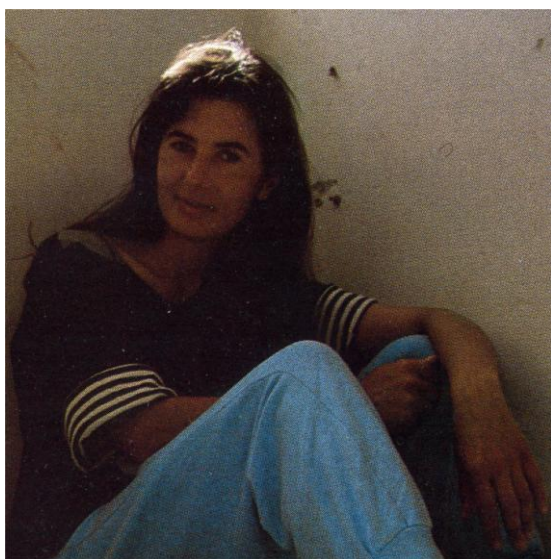


Maria Luísa Pinheiro Blot 1946-2014

No final de uma entrevista da revista *ELLE* (1988) enquanto decorriam sob a sua orientação as escavações das sepulturas de catástrofe associadas ao naufrágio do navio de guerra espanhol San Pedro de Alcantara, na costa norte de Peniche, Maria Luísa fez a seguinte declaração:

«Não tenho medo da morte»

A fotografia publicada pela jornalista autora do artigo, hoje escritora, mostra a arqueóloga descalça e extenuada, encostada a um canto de uma das celas do pavilhão da antiga prisão da Fortaleza (hoje museu municipal) de Peniche, debaixo da inconfundível «cenografia» de barrotes de aço, assinatura das janelas da prisão de outrora.



Em frente dela, no chão, na fotografia original, jazem vestígios do molde de cal endurecida desmontado no decurso da escavação de uma das sepulturas de catástrofe. Sendo uma antiga aluna do antropólogo e arqueólogo Henry Duday, da universidade de Bordeaux que a formou em osteologia humana em contextos de sepulturas, Maria Luísa sabia o detalhe das marcas que o tempo

ou patologias deixavam na «estrutura» do corpo humano.

Filha de médico, sobrinha de médico, prima de médico, amiga de médicos e médicas, Maria Luísa tinha desde a infância a paixão da arte de quem investiga o corpo humano na tentativa de o aliviar na luta contra a dor. Quando chegou a sua vez de ler as marcas temidas no seu próprio corpo, Maria Luísa manteve, na maior discrição, este poder de ler o avanço do Tempo no que lhe restava de vida.

Para além das ferramentas da química medical e do alívio que encontrou na solidariedade dos médicos e assistentes do Instituto Português de Oncologia de Lisboa e dos Bombeiros Voluntários de Beja que lhe permitiam fazer a ponte entre o Mar de Trigo do Baixo Alentejo e a capital, Maria Luísa encontrou, nos colegas da universidade de Aix-en-Provence Pr Dr Christophe Morhange e Dr Marie-Brigitte Carre, um constante apoio para um projecto de doutoramento concebido em torno da sua própria investigação da relação entre a paleopaisagem costeira e as antigas funções portuárias associadas, no contexto do território atlântico português.

A colaboração com os colegas de Aix-en-Provence culminou em Junho de 2013 quando, devido à fragilidade da saúde da Maria Luísa, os dois investigadores citados se deslocaram até Lisboa para debater com ela da estrutura a dar ao trabalho académico em preparação. As reuniões de trabalho tiveram lugar no Museu Nacional de Arqueologia de Belém cuja direcção disponibilizou um local para este fim. Esta estadia «imprevista» em Lisboa dos dois investigadores de Aix permitiu-lhes apresentar quatro (4) palestras públicas realizadas na Universidade Nova de Lisboa e no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa.

O *mieloma múltiplo* que ameaçava Maria Luísa passou lentamente a dominar o calendário do ano que seguiu inspirado, no entanto, pela leitura, cada vez mais fugaz, de obras como a de J. Morton sobre a relação entre o meio físico e a navegação na Grécia antiga<sup>1</sup>, a de Michael Stammers sobre a arqueologia industrial de docas e portos<sup>2</sup> ou a *Archéologie des Disciplines Géohistoriques*, de Gérard Chouquer et Magali Watteaux<sup>3</sup>, uma das obras aconselhadas pelo próprio orientador e amigo Christophe Morhange em Aix.

O mieloma-carrasco fez com que a leitura desta última obra ficasse na página 85, numa frase do texto impresso que referia «cités,

---

<sup>1</sup> Jamie Morton (2001): *The role of the physical environment in ancient Greek seafaring*. Leiden, Boston, Köln, Brill.

<sup>2</sup> Michael Stammers (2007) : *The industrial archaeology of Docks & Harbours*, Stroud, Tempus.

<sup>3</sup> Gérard Chouquer, Magali Watteaux (2013): *L'archéologie des disciplines géohistoriques*. Paris, Errance

metrópoles...megalópoles»na margem da qual Maria Luísa juntou, a lápis, na margem, a palavra:

«*Ports?*».

Nascida numa família da burguesia portuguesa onde a cultura musical tinha um papel fundamental, criada num ambiente que nada deixava prever as vivências intensas, às vezes dramáticas, que a ex-aluna de Filologia Romana da universidade de Coimbra teria com o mar em todas as suas vertentes, físicas, emotivas e analíticas, Maria Luísa exemplificou o papel da mulher em torno da palavra «solidariedade» e da capacidade de ouvir colegas e amigos e a de dar, dar sem conta, sem limites, aos seres que amava. Ela embarcou comigo vezes sem conta em projectos dos quais assumia intimamente todos os riscos, deixando num canto discreto, sem a esconder, a palavra «medo».

Na fase mais madura do seu longo périplo pelo universo arqueológico que rodeia a palavra «Água», manteve intacto o entusiasmo de uma leitura da paisagem costeira marítima como se se tratasse de uma paleta de cores conjugando a complexidade das interações da sociedade humana com o azul do mar, convidando colegas e amigos, arqueólogos e historiadores, entre outros, a contemplar de vez o *continuum*, e não a «fronteira», Terra/Mar, lição que quis amadurecer dentro do círculo da geografia histórica praticada pela equipa de investigadores de Aix-en-Provence.

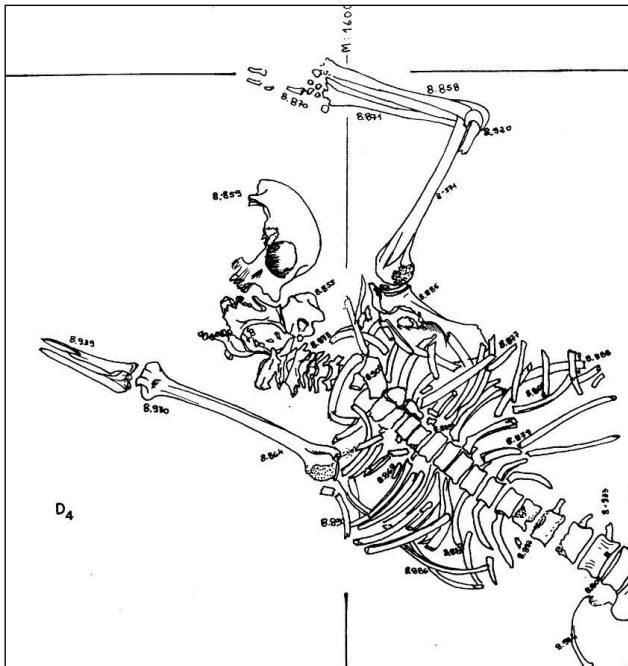
O projecto da Maria-Luísa intitulado *Diachronie du paysage portuaire dans le sud-ouest ibérique – le Portugal (géomorphologie et opacité d'infrastructures)* fica de pé, intacto.

JYB, 12 de Novembro de 2014



À esquerda: a bordo do ketch *Mélusine*, de regresso do Banco de Arguim (missão de localização geofísica dos vestígios da fragata *Méduse* (1816), ao largo da Mauritânia, 1980). À direita: depois de um dia de campanha submarina no sítio do *San Pedro de Alcantara* (Peniche, 1988). Em baixo: escavação em suspensão (sepulturas de catástrofe do *San Pedro de Alcantara*) (Peniche, 1988). Fotos JYB.





**“Indivíduo X6: Fraturas múltiplas do crânio / presença de uma hemi-face esquerda desconectada do resto dos fragmentos do crânio. Fratura da mandíbula em duas partes. Ausência da parte posterior do crânio, perdida antes da inumação do cadáver. Fraturas múltiplas das costelas. Ausência parcial ou total das extremidades dos membros superiores (mãos). Fratura, com sobreposição, da parte distal do úmero esquerdo (...)**” (Maria Luísa Pinheiro Blot, Relatório da campanha arqueológica SPA – Terra - 1988). (Desenho: M. L. Pinheiro Blot, 1988) (repr. de Blot et al., 2008: *Concerto para Mar e Orquestra*. Peniche, Câmara Municipal de Peniche).



Foto Ana Mira, 2013